

# TEXTO LITERÁRIO

## O círculo<sup>1</sup>

Laura Regina Solé Vernin<sup>2</sup>

### Resumo

A fotografia, o cinema e a literatura criam movimentos para pensar o currículo pelas provocações da filosofia de Gilles Deleuze. Objetos expositivos em instituição escolar podem gerar acontecimentos. *O que podemos conhecer a respeito desta instauração do fragmento no currículo? Como apreender o movimento e os fluxos por onde extravasam os (sem) sentidos das imagens no currículo?*

O círculo. O buraco. A roda. O chapéu. A brincadeira. O aniversário. A reunião. A explicação. A execução do trabalho. O aprendizado. As carteiras. A mesa. O movimento. O círculo. Aberto. Fechado. O círculo. O semicírculo. A união. A panela. A horta. A comida. A reunião. Ouvir a canção. Assistir ao desenho. Deitar no chão. Tirar um cochilo. O círculo. A circularidade. Para casa. Brincar. Correr. Família. Comida. Dormir. Direto para a escola. A rotina. O dia a dia. Tudo de novo. O círculo. Volta ao começo.

O caos fica de fora! Ou será que não? Quando brinca, come, dança, canta, chora, mama, aprende, ouve, assiste, presta atenção, ouve o “não”, cai no chão, anda descalço, corre no pedaço, pede um abraço e volta ao começo, será que esquece? Ou nunca soube? Será que as marcas fora do círculo o invadem? Será que as de dentro saem? Será que tudo é a mesma coisa? Ou é tudo separado?



Arquivo pessoal

1 Texto associado ao Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia: *Contribuições para os estudos de currículo: escritas, imagens e o devir*.

2 Graduada em Biologia (PUC-Campinas, 2008) e Pedagogia (Unicamp, 2010).

“Quem canta os males espanta.”

Não só quem canta! Quem brinca, corre, grita, dorme e participa também. Mas... dentro do círculo. O círculo, a rotina, o dia a dia é proteção. Protege do quê? De fora do círculo. O que tem lá? Movimento, voz, luz, som, claridade, toque, que som chato! Para! O que tem lá? O caos? O traço traçado redondo ao redor do círculo em torno do centro frágil e incerto organiza. Pelo menos por um pequeno e curto espaço, organiza. Todo o resto fica para fora. Aqui dentro posso fazer... comida, festa, amizade, brincadeiras. Enquanto circula o círculo, tudo funciona.

Aquele que já esteve em um carrossel sabe que quanto mais para fora do círculo, mais próximo da beirada, mais a força toma conta dos movimentos, sendo mais caótico e divertido o passeio. E quanto mais para dentro, mais perto do eixo central, menor a força, mais estabilidade e mais segurança, apesar do enjoo que se sente de estar só. Cada um escolhe seu modo de passear, de ser, de viver. Mas, enquanto há escolha, tudo circula, tudo movimenta.

A escolha de onde estar é do próprio sujeito, são as escolhas que começam a possivelmente, definir quem este é ou não é. A identidade do ser se forma com as vontades e com o que cada experiência proporciona. A sensação importa. Com qualquer idade a sensação importa. Tudo aquilo que vemos, ouvimos ou sentimos importa, e traz sensações. A falta de ver, ouvir ou sentir também traz sensações.

Há um espaço entre o ver e o não ver, o ouvir e o não ouvir, e o sentir e o não sentir. Há sempre algo entre esses, há sempre o devir-outro. Nesse lugar não há diferença entre ser ou não ser, estar ou não estar, escolher ou deixar de escolher, pois a distinção desses para de existir. A linha do meio, o espaço entre esses, o devir, torna-se mais uma parte a integrar-se entre as diferenças, entre as multiplicidades, e interação. Em alguma parte entre a firmeza do centro do carrossel e o caótico da beirada está o devir. Este faz parte do todo ao estar junto das partes que seriam distintas. Seriam distintas, antes de haver a presença do devir-outro, do espaço, do meio que, juntamente com tudo o que é distinto, forma a zona de indiscernibilidade.

Assim, quando cantarola, para. Quando para, continua. Não se sabe mais qual escolher. Não há o que escolher.

### Intercessores

- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 1997. v. 4.
- SEMETSKY, I. *Deleuze, Education and Becoming*. Australia: Sense Publishers, 2006.

Recebido em 25 de abril de 2011 e aceito em 8 de agosto de 2011.